

TRÂNSITOS DE PASSAGEM NO DISCURSO
TEOLÓGICO LITERÁRIO.Josiele Kaminski Corso Ozelame¹

Resumo: Estreitar fronteiras entre Teologia e obras de ficção literária é dar possibilidades reflexivas ao ser humano para que ele possa direcionar seu olhar em uma outra direção, em que a literatura, enquanto arte, preocupa-se com o mundo ficcional e com as questões estéticas e, a teologia, busca uma compreensão de Deus e do homem sob a luz da fé. Como retificação do dogmatismo cristão as obras ficcionais que abarcam temas religiosos nos possibilitam ir além daquilo que vivemos, permitindo a construção de um mundo imaginário além-fronteiras, sem deixar que se perca a realidade efetiva, a recriação do “real” (teológico) em um plano imaginário (literário). Para analisar um diálogo entre a Teologia e a Literatura, mais especificamente, a figura do Diabo, partimos dos contos *Eu e Bebu na hora neutra da madrugada*, de Rubem Braga, e *Nostalgia do Amor Ausente*, de Walmor Santos, buscando aporte teórico nos Estudos da Teopoética, principalmente, nos textos de Kuschel, Manzatto, Messadié, Nogueira, Russel.

Palavras-chave: Teologia, Literatura, Diabo.

Abstract: Approximating frontiers between Theology and literary fiction is to give reflexive possibilities for the human being to direct his/her attention towards another direction, in which literature as art is concerned with the fictional world and aesthetic matters, while Theology aims at understanding God and men under the light of faith. As ratification of Christian dogmatism, the fictional works that involve religious matters allows one to go beyond his/her life experience, building beyond borders imaginary world, not dismissing effective reality, the recreation of what is “real” (theological) in an imaginary dimension (literary). In order to analyse a dialogue between Theology and Literature specifically the Devil's figure, two short stories are examined, *Me and beby in the neutral hour of dawn*, by Rubem Braga, and *Nostalgia of absent love*, by Walmor Santos, using as theoretical support in the studies on Theopoetics; mainly the texts produced by Kuschel, Manzatto, Messadié, Nogueira and Russel.

Keywords: Theology, Literature, Devil.

Professora da UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu. Doutora em Literatura pela UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Desenvolve atividades de pesquisa, ensino e extensão na área de Letras, com ênfase em Teoria da Literária e Literaturas de Língua Portuguesa, atuando, principalmente, no seguintes temas: Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Infantojuvenil, Leitor e Leitura. Email: josicorso@gmail.com

Literatura e Teologia sempre foram vistas e analisadas como duas artes completamente distintas, não podendo estabelecer relações. No entanto, as possibilidades de diálogo entre elas surgiram, pois hoje, teologia e literatura, são duas artes que se fundem e difundem nas mais amplas e complexas situações. Ambas dialogam com os homens revelando-lhes situações compreensíveis. Para facilitar esse entendimento, num determinado tempo, a teologia fundamenta-se também em outras ciências.

A Teopoética vem, através dos estudos do alemão Karl-Josef Kuschel (1999), trazer uma nova perspectiva de análise literária e reflexão teológica. No século XX, a literatura era vista pelos Teólogos como algo desmerecedor de admiração, representar Deus e o homem era completamente recriminável, pois “corrompia” a sociedade jovem. Assim, havia uma dicotomia entre arte/literatura e religião, e o mundo dividia-se entre comunidade dos filhos de Deus e o da sabedoria do mundo², sendo a arte vista como uma profunda ameaça à fé.

Porém, numa outra perspectiva, a arte pode ser o canal para Deus, o Mito, o Sagrado, como por exemplo, as produções de Da Vinci, Michelangelo e Dante. Assim, é importante ser dotado de cultura para perceber que a arte não é um mau princípio para a fé, que o artista ao “fazer” arte não está traindo nem tornando Deus um ser leviano. Nesse sentido, Miguel de Unamuno insinua que se o cristianismo desaparecer, a civilização ocidental desaparecerá juntamente com ele³.

Portanto, falar de Teologia em obras literárias é dar possibilidades reflexivas ao ser humano para que ele possa direcionar seu “olhar” num outro ângulo, em outra direção. Muitos escritores já têm recorrido à temática religiosa, desde Machado de Assis até Rubem Braga, Luiz Fernando Veríssimo, Walmor Santos, José Saramago e outros autores da literatura brasileira e portuguesa. São obras que trazem o Diabo como personagem principal, interrogando, por meio da literatura, os dogmas, as credências, a história que nos contaram. O caráter questionador a respeito do inimigo número um de Deus, o Diabo, é feito por meio do diálogo entre Literatura e Teologia, a partir de ideias

² KUSCHEL, Karl Josef. **Os escritores e as escrituras**, Retratos Teológicos Literários. Trad. Paulo Astor Soethe et alii. São Paulo: Loyola, 1999.

³ UNAMUNO, Miguel. **A agonia do Cristianismo**. Lisboa: Cotovia, 1991.

conflituosas e irônicas. Para este artigo, dois contos literários foram selecionados: *Eu e Bebu na hora neutra da madrugada*, de Rubem Braga, e *Nostalgia do Amor Ausente*, de Walmor Santos. Como linha teórica norteadora, os estudos de Teopoética darão sustento às análises. O texto literário está sempre aberto a novas leituras, não querendo reconstruir um sentido original da história bíblica, isso por que os próprios autores buscam ironizar uma realidade distinta, diferente daquela proposta pelo texto Sagrado, ou seja, utópica. Parafraseando Brechet (1973), quem se torna religioso deixa de ser levado a sério como artista⁴ e, nesse sentido, tanto Rubem Braga quanto Walmor Santos, não caem na banalidade da criação, mas proporcionam uma leitura de um novo mundo, evocando as questões teológicas e colocando os dogmas em “xeque” sem perder o bom-humor e a sensibilidade literária.

A literatura, enquanto arte, não se preocupa apenas com o mundo da ficção e com as questões estéticas, mas também aborda assuntos que podem estar relacionados às tensões/preocupações humanas, ou seja, a verossimilhança. Ora, nesse sentido, a verossimilhança não só se aproxima de um “suposto real”⁵, como também aprofunda a visão da realidade.

Nessa perspectiva, os textos estabelecem relações que ora se distanciam ora se aproximam do Diabo conhecido pelos cristãos. A ficção possibilita uma verdade, que pode criticar ou negar o mundo real. Ela recria o “real”, mas isso não quer dizer que seja verdadeiro aquilo que descreve: tenta exprimir o sentido do mundo e do homem. Dessa maneira, ela se constrói por meio da interpretação, quando o autor relata e o público compreende. Essa arte que trabalha com muitas metáforas, apenas insinua sem nada querer comprovar, buscando sentido e compreensão da vida, através da sua beleza estética. Portanto, os contos selecionados não podem ser lidos como se fossem simplesmente livros de psicologia, história ou sociologia, pois têm o compromisso com a alma humana, “ou mesmo a visão profunda — de ordem filosófica, psicológica ou sociológica — da realidade” (ROSENFELD, 2002:18) no que se diferencia de

⁴ BRECHET, B. *Arbeitsjournal*. Bd II (1942-1955). Frankfurt, 1973.

⁵ Aqui a concepção de real e/ou da semelhança com o real (verossimilhança) é uma mescla, uma espécie de “sombra”, podendo ser chamada de imitação, uma recriação de algo existente primeiro.

outros gêneros.

Muitas vezes, a obra vem carregada de propostas ideológicas, pois os autores possuem uma determinada posição política, social ou religiosa; uma visão histórica particular dos fatos, que acaba refletida em sua produção. Mas isso não significa que ambos contistas, Braga e Santos, possam ser denominados como hereges por seus textos não possuírem ligação com o cânone cristão, são obras elaboradas às avessas, que causam estranheza no leitor por contarem as histórias de maneira diferente.

Retomando a reflexão de que a ficção pode construir uma nova sociedade ou até mesmo reformá-la, a literatura pode criar uma cultura, novos hábitos, ideias, ideologias, pois ela é muito mais que um simples documento histórico. Estando no campo do possível, daquilo que poderia ser, cria situações para chegar ao homem crente e ao não-crente. A obra, a princípio, ao ser concebida, não visa ao falso ou ao verdadeiro, e sim propõe um determinado ponto de vista.

Alguns críticos, ou mesmo com muita frequência, alguns teólogos, confundem esse tipo de representação, esquecendo que a literatura não apresenta, mas representa. Um dos objetivos da literatura é divertir, entreter; já a teologia busca uma compreensão de Deus e do homem histórico sob a luz da fé. Entretanto, muitas vezes, temos como um embate, a Teologia que, ocupando-se de textos literários, esquece-se de respeitar a sua autonomia para não cair no estágio ridículo da análise, afirmando e indo de encontro ao texto, olvidando que se trata de mera ficção literária.

A verdade depende de onde falamos/pensamos, quais princípios usamos para interpretá-la. Logo, a literatura coloca o ser humano em cena juntamente com seus sonhos, suas dúvidas, seus sentimentos, interessando-se por tudo o que diz respeito a ele, tentando uma compreensão do homem e seu meio social.

Para que isso possa acontecer em uma obra literária, muitos elementos sociológicos, psicológicos, linguísticos, religiosos se misturam, despertando o interesse da pesquisa para várias ciências. Para Antonio Manzatto (1994), se tudo o que é humano interessa à literatura, o mesmo acontece com relação ao domínio religioso do homem, ou seja, “A teologia, o crente e a religião, enquanto humanas, interessam ao escritor e figu-

ram assim em obras literárias” (MANZATTO, 1994:65).

O escritor pode utilizar vários aspectos teológicos como Deus, Fé, Igreja, relações entre o homem e Deus, bem e mal, ele tem a possibilidade de abarcar esses aspectos de maneira absurda ou não, positiva ou negativa, dependendo de qual é a sua intenção. Rubem Braga e Walmor Santos não pretendem fazer teologia, criar uma nova religião, ou então, manipular o pensamento do povo cristão. A leitura desses textos ultrapassa esses ideais, expõe uma forma distinta de fazer literatura sem perder a essência, de uma maneira contundente, irônica, sarcástica, sensacionalista, em que a nova abordagem do mal, pode chocar o leitor, fazer com que ele se apiede, ou ainda, divirta-se.

No conto de Rubem Braga, *Eu e bebu na hora neutra da madrugada*, o Diabo é retratado como um anjo revoltado que não se conforma com a sua decadência e situação de inferioridade em relação a Deus. O personagem Diabo mostra-se com um espírito de subversão, criticando o governo de Deus na terra, acreditando que se ele estivesse no comando, a situação não poderia estar pior.

Já em *Nostalgia do amor ausente*, de Walmor Santos, o Diabo é elevado como sendo sua alma gêmea, separado do Criador por este temer que o amor entre eles ofuscasse o amor da Humanidade por Ele. Esses personagens mantêm uma situação de dependência sentimental, não podendo existir o fim de um só. Nesse sentido, para Gerald Messadié (2001), sobre o Diabo observa que “se ele é efetivamente o adversário de Deus, é também o seu servidor, ele não pode querer a sua perda, pois esta seria o fim da Criação e a sua própria” (MESSADIÉ, 2001:303).

Sob uma visão maniqueísta, a ideia de um mundo dividido entre Bem e Mal foi consumada com a divisão de Deus e Diabo. Todavia, quem mais se preocupava com as questões do Bem e do Mal eram os maniqueus: questionavam se Deus, o Bem, poderia ser a causa do Mal, ou se existiria outro Deus tão poderoso quanto esse que causasse o Mal. Isso por que eles acreditavam que Deus não havia criado nada de natureza má. Conceituada como uma doutrina dualista isenta Deus da responsabilidade dos males existentes no universo e culpa o homem pelas maldades praticadas individualmente. Para os maniqueus Deus, o Bem; e o Diabo, o Mal; são duas coisas

completamente distintas e longínquas. O que eles também tentavam explicar, por meio da razão, a Bíblia explicava/pregava através da fé.⁶

O bem e o mal são representados na bíblia por meio do símbolo da árvore, na qual Adão e Eva provaram do fruto proibido no paraíso, e são castigados por Deus. A serpente, na versão bíblica, é a criatura mais astuta criada pelo Senhor. Segundo Messadié, é muito inusitado, que a serpente convença Eva a transgredir as regras do Criador, e questiona:

Que a serpente tinha a ganhar com isso? Acontece que é demonstrado que a serpente é uma criatura do Senhor, isto é, que foi o próprio Deus que a criou. Então, por que é que não é à serpente que ele dirige o seu castigo? E que é que acontece a essa fonte de problemas, como se diz hoje em dia? A Bíblia não diz (MESSADIÉ, 2001:296).

Para Roberto Nogueira (1986), com o surgimento de Satã, o mundo divide-se em sim/não, luz/trevas, bem/mal, Cristo/Diabo, verdadeiro/falso, entre tantos outros antônimos. Segundo o crítico, é ele quem vem para combater a religião cristã, e nesse aspecto sobre o bem e o mal observa que

Satã é o inimigo implacável de Jesus e seus discípulos, tramando incessantemente a ruptura da fidelidade ao Senhor e pondo a perder os seus corpos e almas. Em suma, ele encarna todos os obstáculos, não à sobrevivência do povo escolhido, mas à possibilidade de vida eterna no Paraíso. Ultrapassando uma consciência nacional, o Demônio, como o pai da desobediência, coloca o problema de modo muito mais universal: a livre opção de todos e cada um dos homens entre o Bem e o Mal (NOGUEIRA, 1986:18).

Levando em consideração os estudos de Nogueira, Satã possui um papel tão importante quanto ao do Messias no mundo. Os espíritos maus se apropriam dos homens da mesma maneira dos bons, mas o poder do Salvador enfraquece a fúria de Satã e, quando Jesus morre, ele é condenado e julgado. Satã e seu exército estavam em posição de absoluta dependência

⁶ Desprezavam o Velho Testamento, assim, “se por um lado os maniqueus supervalorizavam o Novo Testamento, por outro desprezavam e ridicularizavam o Velho Testamento. Eles rejeitavam as explicações criacionistas da bíblia, questionando a criação do mundo por um ato livre de Deus, a partir do nada, e do homem como imagem e semelhança de Deus.” COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Maniqueísmo**: história, filosofia e religião. Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 71. Embasados nesses princípios, a verdade para eles se impõe à inteligência não pela fé, e sim, pela razão. O homem deve crer naquilo que seus olhos podem ver.

em relação a Deus e de impotência em relação a Cristo.

A história do Diabo é mais familiar que os propósitos santos. Ele odiava Deus e todos os seus semelhantes. A Igreja também utilizou a suposta existência do Diabo como uma maneira de dominar o povo através do medo e o inferno era uma ameaça à população.

Vale destacar que o Diabo surge como inimigo de Deus apenas no Novo Testamento, posto que no Antigo Testamento, Deus desempenha dois papéis ao mesmo tempo, o Bem e o Mal, o Diabo é apenas seu servidor e nunca se estabelecem conflitos. Para Messadié, ainda sobre o Velho e Novo Testamento,

Na sua entrega à vontade suprema, a teologia do Antigo Testamento não concebe senão um pólo único no universo, e o Diabo nunca tem aí senão um papel conforme a vontade do Criador. Satanás é o Mal? Não, ele é o sofrimento pretendido pela vontade de Deus. Nunca, aliás, se vê no Antigo Testamento os episódios de demonologia do Novo Testamento (MESSADIÉ, 2001:303).

A demonologia e a polarização Diabo ocorrem no choque das tradições cristãs, quando surgem as seitas gnósticas e as heresias multiplicam-se. As crenças febris atormentam o Cristianismo e, surgindo primeiramente nos textos apócrifos e, consagrando-se de forma mais sistematizada no Novo Testamento, o Diabo como o ser culpado por todo o mal, juntamente com sua legião, é o grande adversário de Deus, o Príncipe das Trevas que tem por missão combater as religiões. A partir de então, cada ser humano tem o poder de optar entre o Bem e o Mal. Assim,

O Universo inteiro passa a ser pintado como dividido entre dois reinos, o de Cristo e o do Diabo. Frente ao reino do cristianismo, resplandecente de claridade e luz, pois é o reino de deus, coloca-se o reino de Satã, onde predominam as forças das trevas. Imerso em um combate que data da Criação, Satã se esforça para impedir de todos os modos o alargamento do reino de Cristo, enquanto este, ao contrário, tem por missão destruir o reino do mal (NOGUEIRA, 1986:26).

A narrativa de Rubem Braga é repleta de um humor e ironia, e é através da linguagem cômica que ele fornece uma nova roupagem ao texto bíblico. Nessa desconstrução, o escritor negocia uma nova versão, imaginária, num diálogo fervoroso em que elege o narrador-personagem como um contador

de histórias que é, algumas vezes, surpreendido por algumas atitudes do seu companheiro Diabo que, num primeiro momento, mostra-se mais comedido, doador de grandes esmolas, mas que ao final, revela-se um grande crítico do governo de Deus, gabando sua rebeldia e sua revolta quando se insurgiu contra o Criador. É válido transcrever a passagem em que o Diabo fala sobre ele mesmo, num tom de discurso político:

- Não amole. Você sabe a minha história. Fiz uma revolução contra Deus. Perdi, fui vencido, fui exilado; nunca tive nem implorei anistia. Deus me venceu para todos os séculos, para a eternidade. É o prefeito eterno, ninguém pode fazer nada. Agora, se tem coragem, imagine isto: eu saio de meu inferno uma bela tarde, junto meu pessoal, faço uma campanha de radiodifusão, arranjo armamento, vou até o Paraíso e derroto aquele patife. Expulso de lá aquela cana-lha, todas aquelas onze mil virgens, aquela santaria imunda. O que acontece? (BRAGA, 2002:65)

A partir de um discurso mais ameno, temos em *Nostalgia do amor ausente*, de Walmor Santos um “pobre-diabo”⁷ que narra sua própria desgraça de uma maneira singela e sentimental. Ao contrário do Diabo de Rubem Braga, o personagem de Walmor Santos é carente, menos revoltado e intransigente, que, devido à solidão, inicia seu monólogo: “Em alguns momentos, sinto-me terrivelmente só, embora alguém espere por mim. E esta espera é absurda, terrível” (SANTOS, 1996:121).

Os personagens de ambos os contos são completamente distintos, com exceção à questão de que ambos, de alguma maneira, odeiam ou já odiaram o Criador. O primeiro espera ansiosamente tirar Deus do seu trono, e o segundo, aguarda ansiosamente, pelo reencontro dele como *Filho do Deus*. Numa linguagem aprazível, Santos descreve o momento da separação de Deus e Diabo: “Para isso enviou-me, deixando Gabriel em pia solitude. Nesse dia, criamos as palavras Saudade para descrever o que sentiríamos pelo eterno devir e Esperança como *leitmotiv* para nosso reencontro” (SANTOS, 1996:121).

Diferentemente de muitas outras narrativas sobre o Diabo, nos textos selecionados, não há descrição de características físicas horrendas, os escritores não se preocuparam em descre-

⁷ Expressão utilizada por Braga, 2002, p. 64.

ver o Diabo fisicamente para convencer o leitor do bem ou mal desses anjos caídos, mas optaram por recursos psicológicos dos personagens.

Nos estudos feitos por Nogueira (1986), a imagem física do Diabo é semelhante a anatomias de animais ou semi-humanos deformados. Geralmente há presença de pelos/escamas, cabeças desproporcionais em relação ao corpo, bocas estranhas, chifres, rabos, asas; tudo o que a imaginação permitir. O Diabo ainda pode assumir, segundo Nogueira, outras formas como as de animais: touro, gato, bode, cão, veado, porco.

No conto de Santos, ele é visto como um deus inferior, rebaixado. Renuncia ao seu amado e aproveita para afirmar que, apesar de Deus estar no poder, - como narra também Rubem Braga - o Diabo continua conquistando a “freguesia” divina, “Vede os templos vazios nos dias santos e as ruas superlotadas nos carnavais” (SANTOS, 1996:122). Tanto no conto como no Velho Testamento, o Diabo é um servidor de Deus e não entra nunca em conflito como superior. Seu papel é determinado conforme a vontade de Deus, por conseguinte seria o sofrimento pretendido pela vontade de Deus.

Ainda é visto como adversário de Deus somente no Novo Testamento, onde travam conflitos para o domínio maior e absoluto. Portanto, se o Diabo é o adversário de Deus, ele também é seu servo, conseqüentemente não pode desejar a sua perda/decadência, pois significaria a sua própria. Enquanto isso, Bebu - nominação dada por Braga a Belzebu - tem Deus como seu eterno inimigo, como podemos perceber na ira do Diabo na passagem que segue:

Olhe, você é tão burro que eu vou lhe dizer. Essa joça não ficava assim não. Eu podia lhe contar o meu programa; não conto, porque não sou nenhum desses políticos idiotas que vivem salvando a pátria com plataformas. Mas reflita um pouco, meu animal. Deus me derrotou, me esmagou, e nunca nenhum vencedor foi mais infame para com um vencido. Mas pelo amor que você tem a esse canalha, digame: o que ele fez até agora? A vida que ele organizou e que ele dirige não é uma miséria? (BRAGA, 2002:66)

Em ambos os contos, temos duas diferentes representações de Diabo- personagens imperfeitos e falhos: O Diabo de Rubem Braga nega Deus, espírito de negação, e o Diabo do conto de Walmor Santos, funciona como um espírito de denegação, que nega para afirmar, logo para aceitar Deus.

As duas personagens nos contos trabalham indiretamente para o Senhor, pois é para eles que Deus entrega os pecadores, e assim, não significa que eles vivam em constantes conflitos com o Criador. Desse modo, o Diabo para Jeffrey Russel

De um lado, ele era o autor do mal, e sua existência afastava do Senhor a responsabilidade direta de muitos dos males do mundo. Por outro lado, ele não era um princípio independente, mas a criatura e até mesmo o servo do Senhor (...). Ele é a sombra de Deus (RUSSEL, 1991:126).

Logo, o Diabo tem um papel tão fundamental quanto Deus, sua importância não é reduzida nos contos, pois como protagonistas reafirmam a ligação com o Divino, transformando o Diabo no Senhor do mundo material, ao lado dos gananciosos e festeiros, deixando o lado espiritual para Deus.

Há uma grande diferença entre esses Diabos e o diabo proposto pela Bíblia, mas os dois encontram-se no imaginário cristão, ou seja, um ser de diferentes personalidades, mascarado por um fingimento de vitimização, em que, por meio da chantagem emocional ou pela imposição dos seus conceitos e projetos, não deixa de fazer parte da caricatura da arrogância e da presunção já desgastada pelo tempo.

Ao longo deste paralelo traçado, a ficção, sintomaticamente presente na obra de Rubem Braga e Walmor Santos, como retificação do dogmatismo cristão, possibilita-nos ir além daquilo que vivemos, permitindo a construção de um mundo imaginário além-fronteiras, sem deixar que se perca a realidade efetiva, ou seja, a recriação do "real" (teológico) em um plano imaginário (literário). Evocando Anatol Rosenfeld (2002), a estrutura de um texto qualquer, ficcional ou não, de valor estético ou não, compõe-se de uma série de planos, dos quais o único real, sensivelmente dado, é o dos sinais tipográficos impressos no papel⁸.

Questões relevantes tiveram espaço neste estudo, principalmente o diálogo entre Teologia e Literatura, que abarca relações entre imaginário, ficção e realidade. Certamente, existem afinidades e diferenças entre os seres reais teológicos (críveis através do poder da fé) e os seres ficcionais, e são essas diferenças, de grande importância, que instauram a verossimilhança,

⁸ ROSENFELD, Anatol. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

que auxiliam na construção das narrativas. Assim, de nada adiantaria descrever os fatos tal como eles ocorreram, pois, ao invés de se escrever um novo enredo, estaria arquitetando-se um documentário. Rosenfeld (2002) assegura que na medida em que quiser ser igual à realidade, o romance será um fracasso; a necessidade de selecionar afasta dela (a realidade) e leva o romancista a criar um mundo próprio, acima e além da ilusão de fidelidade.

Assim sendo, o poder literário é marcado pela ficção, sendo o discurso narrativo aproximado de uma realidade ou não. Às vezes, ela pode ou não imitar o mundo; tendo uma visão fragmentada e por meio da ficção que os escritores criam novos mundos. Suas narrativas apresentam muitas peculiaridades na estrutura, variando internamente, sem perder a unidade de ação, permitindo apresentar o já conhecido pela cultura cristã sob uma nova perspectiva de leitura. Portanto, *Nostalgia do amor ausente* e *Eu e Bebu na hora neutra da madrugada*, ultrapassam as relações ingênuas do espaço da verdade proporcionando ao leitor um manancial de possíveis leituras sem perder a originalidade no processo de criação literária.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Rubem. *Eu e Bebu na hora neutra da madrugada*. In.: **200 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- BRECHET, B. *Arbeitsjournal*. Bd II (1942-1955). Frankfurt, 1973.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Maniqueísmo**: história, filosofia e religião. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.
- KUSCHEL, Karl Josef. **Os escritores e as escrituras**. Retratos Teológicos Literários. Trad. Paulo Astor Soethe et alii. São Paulo: Loyola, 1999.
- MANZATTO, Antonio. **Teologia e Literatura** – reflexões teológicas a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.
- MESSADIÉ, Gerald. **História Geral do Diabo** – Da Antiguidade à Época Contemporânea. Portugal: Europa-América, 2001.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto. **O diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

Josiele Kaminski Corso Ozelame

ROSENFELD, Anatol. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

RUSSEL, Jeffrey Burton. **O Diabo**: as percepções do mal da Antiguidade ao cristianismo primitivo. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SANTOS, Walmor. Nostalgia do amor ausente. In.: **Além do medo e do pecado**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

UNAMUNO, Miguel. **A agonia do Cristianismo**. Lisboa: Cotovia, 1991.

Enviado em: 29/05/2011 - Aceito em: 07/07/2011